

Marionetas de São Lourenço // António José da Silva / A vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança / Theatro Comico Portuguez / Luis Miguel Cintra

No Museu // Manhã criativa para famílias - A ilusão de D. Quixote / Formação adultos - Manipulação à vista / Visita temática - Marionetas portuguesas Oficinas - Férias no Museu / Exposição temporária - BIME - Marionetas Portuguesas da coleção do Museu da marioneta

No Mundo das Marionetas // Prémio Meschke 2021 - UNIMA / Prémio Nacional Artes do Espetáculo Maria João Fontainhas / Formações / Festivais



Editorial

O Nº 1 da **Notícias da Marioneta** tinha como objetivo inicial abordar, de um modo geral, o teatro de marionetas em Portugal. Mas ao longo da preparação deste número muitas coisas foram acontecendo no Museu, e acabámos por deambular (tão bom poder deambular) entre as marionetas da Companhia de São Lourenço e o Diabo, fundada em 1973 pela artista plástica Helena Vaz e o músico José Alberto Gil, a obra de um escritor visionário do século XVIII, que escreveu peças para marionetas - António José da Silva - conhecido como o "Judeu" - e uma conversa com um encenador do século XX-XXI, igualmente visionário, que temos o privilégio de acolher no Museu, com a peça Pequeno Teatro *Ad Usum Delphini* - **Vanitas**, em cena até 8 de Julho. Nesta "deambulação" pensamos como é curioso que tudo isto aconteça num espaço que inicialmente era destinado à clausura - o convento das Bernardas - e hoje é um local de cruzamento de artes, de música, de diálogos e representações.

Até início do século XX, e com uma exceção para as encenações setecentistas de António José da Silva, o teatro de marionetas em Portugal está ligado a uma cultura popular, à itinerância, muitas vezes a uma existência de sobrevivência, quer se trate de Robertos, de bonecos de Santo Aleixo, ou de outras tipologias de marionetas de luva, de vara ou de fios, que durante séculos percorriam vilas e aldeias, e durante a primeira metade do século XX animavam as praias. Mas, e é talvez o segredo da sua intemporalidade, todas estas marionetas são muito mais do que os "bonecos" que vemos na sua forma física. Por trás da marioneta está um ator muitas vezes anónimo, que ninguém vê, ninguém sabe quem é.

É o ator "invisível" que dá alma ao "boneco" que dialoga com o público, que capta o público, que o faz rir, chorar, refletir, esquecer o dia a dia, pensar. É o ator "invisível" que, através da marioneta, destapa e partilha sentimentos e emoções, ouve e surpreende o público, mas permanece desconhecido desse mesmo público. Se não interagir com as pessoas, se não for ao seu encontro se não houver diálogo entre ambos, não terá público. E é essa curiosidade recíproca que dá à marioneta, seja ela mais erudita ou popular a sua componente profundamente humana, reflexo de um trabalho de entrega e de modéstia. É um jogo psicológico e genuíno que, ao longo de séculos, se desenvolve entre o público, a marioneta, e o ator "invisível". António José da Silva fazia peças e óperas cómicas a partir de temas clássicos, e pensava-as para teatro de marionetas, falava de Dom Quixote, de histórias da mitologia greco-romana, dirigindo-se a um público que na sua maioria não sabia ler nem escrever. E as suas peças foram um enorme sucesso porque nelas se transmitiam sentimentos universais inteligíveis por todos. Dois séculos mais tarde, a Companhia de São Lourenço e o Diabo percorria vilas e aldeias com o seu palco ambulante, que era uma simples carroça adaptada (hoje restaurada e visível no claustro do Museu). As obras que representava inspiravam-se, entre outras, nas peças escritas por António José da Silva, e também na mitologia greco-romana, com marionetas nascidas da imaginação prodigiosa de uma artista plástica, cortando radicalmente com a simplicidade das marionetas tradicionais e abrindo um novo caminho para a arte da marioneta. Nesta segunda década do século XXI, L.M. Cintra, figura incontornável da história do teatro em Portugal, explica-nos como as marionetas influenciaram o seu gosto pelo teatro, e refere a importância no seu percurso de encenador, da descoberta dos textos de António José da Silva, escritor "de facto genial" nas suas palavras.

São estes os temas do Nº 1 da **Notícias da Marioneta**, onde encontrará também todas as informações sobre as atividades a acontecer em torno da arte da Marioneta dentro e fora do Museu.

Boa leitura!

Ana Paula Rebelo Correia
Diretora do Museu da Marioneta



// Marionetas se São Lourenço / Coleção Museu da Marioneta

MARIONETAS DE SÃO LOURENÇO

No mês dedicado a Portugal e à língua portuguesa, e porque somos um museu da marioneta, recordamos **António José da Silva** (1705-1739), dramaturgo e encenador de teatro de marionetas e criador de uma nova forma de teatro em Portugal, com um legado incontornável no teatro de ópera buffa para marionetas em língua portuguesa.

Oportunidade também para falarmos da **Companhia de Marionetas de São Lourenço e o Diabo**, que recuperou, estudou, reconstituiu e encenou as obras de António José da Silva. A companhia de São Lourenço destaca-se na história da marioneta contemporânea em Portugal pela originalidade da técnica de manipulação, e também pelo cruzamento de diferentes campos artísticos (teatro de marionetas, expressão plástica, literatura e música).

Embora tenha existido em Lisboa, no século XVIII, uma sala dedicada ao teatro de marionetas (o Teatro do Bairro Alto), não há registo em Portugal, desde 1739 - ano da morte de António José da Silva, condenado pela Inquisição - até meados do século XX, de outros projetos com marionetas em sala de teatro. A tradição de teatro de marionetas era, de facto, essencialmente popular e itinerante, com textos transmitidos oralmente e/ou improvisados no momento, em espetáculos de rua (teatro de Robertos).

A entrada em sala de teatro veio modificar a marioneta e a sua performance, com novas preocupações cénicas e artísticas e, em Portugal, o Teatro de Mestre Gil, fundado em 1943, terá sido o primeiro grupo a destacar-se. Mas a verdadeira modernidade da marioneta começa nas décadas de 1960 e 1970, quando a Europa conhece mais profundamente o teatro asiático. João Paulo Seara Cardoso descreve essa evolução nos seguintes termos: "Nessa altura e, após tantos séculos de tímida evolução, marcada por um constrangimento conceptual, o Teatro de Marionetas abre-se verdadeiramente à modernidade. O espaço teatral, confinado a um dispositivo funcional para esconder o ator e exhibir a marioneta evolui para a cena inteira. O mistério da vida das marionetas é revelado ao espectador. E são lançadas questões novas e muito complexas ao nível da semiologia teatral."

É neste contexto que nasce, em 1973, a **Companhia de São Lourenço**, inicialmente sob o nome **Companhia de Opera Buffa São Lourenço e o Diabo**, fundada pela artista plástica Helena Vaz, pelo músico José Alberto Gil e pelo tenor Fernando Serafim.

A recuperação do repertório tradicional de teatro para marionetas e a itinerância por zonas rurais do país eram os objetivos centrais do grupo, embora a tipologia das suas marionetas fosse radicalmente diferente do que até então se fazia.

No seu projeto de itinerância, a companhia pretendia a aproximação às pequenas aldeias isoladas do interior do país. Para essa itinerância, foi construída uma carroça-teatro, inspirada nas antigas trupes de saltimbancos, e o repertório centrou-se em textos tradicionais portugueses, num esforço de valorizar a herança cultural. As apresentações provocaram a envolvimento genuína do público, que sentia que as histórias lhe pertenciam. Noutra vertente, a companhia trabalhou na adaptação das óperas de António José da Silva. Entre as peças adaptadas, encontra-se *A Vida do Grande Dom Quixote de la Mancha* e *do Gordo Sancho Pança* e *Os Encantos de Medeia*. A técnica de manipulação das marionetas é considerada uma das inovações da companhia: os atores, em palco, vestidos de negro, "vestiam" a marioneta, que era manipulada com o próprio corpo e movimentos dos atores. Estes, por sua vez, eram praticamente invisíveis, fundindo-se com a escuridão do palco, onde as luzes iluminavam apenas as marionetas.

A existência crescente de marionetas e adereços dos vários espetáculos e digressões, levaram a companhia a organizar um espaço de exposição das suas peças. Nasceu assim, em 1987, num velho edifício situado entre a Graça e o Castelo, o primeiro espaço português dedicado à marioneta desde a extinção do Teatro do Bairro Alto: o Museu da Marioneta, que deu origem ao atual museu, instalado desde 2001, já sob gestão autárquica, no Convento das Bernardas, no Bairro da Madragoa.



Representação da peça "Salomé". Companhia de São Lourenço. 1984
Foto: Arquivo Museu da Marioneta



A Companhia de São Lourenço no Seixal em 1980
Foto: Arquivo Museu da Marioneta



Dom Quixote
 Marioneta de Manipulação à Vista
 Autor: Helena Vaz
 Portugal | Século XX
 Coleção Museu da Marioneta
 Inv MM65

Sancho Pança
 Marioneta de Manipulação à Vista
 Autor: Helena Vaz
 Portugal | Século XX
 Coleção Museu da Marioneta
 Inv MM70

Dulcineia
 Marioneta de Manipulação à Vista
 Autor: Helena Vaz
 Portugal | Século XX
 Coleção Museu da Marioneta
 Inv MM690

Caliope
 Marioneta de Manipulação à Vista
 Autor: Helena Vaz
 Portugal | Século XX
 Coleção Museu da Marioneta
 Inv MM67

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

«A anulação de fronteiras entre o erudito e o popular, meta ideal de qualquer criador, conseguiu-a António José da Silva facilmente, e tal como o paraíso perdido, nunca mais se encontrou depois dele»

José Alberto Gil, catálogo da «Exposição-Espectáculo sobre a obra de António José da Silva», Fundação Calouste Gulbenkian, 1984

António José da Silva, dito "o Judeu", nasceu no Brasil em 1705. Aos seis anos vem com os pais para Portugal, e a sua curta vida atravessa o período áureo do reinado de D. João V, e também a censura da Inquisição. Será preso, torturado e condenado à morte em auto de fé, em 1739.

É considerado o primeiro escritor português para teatro de ópera para marionetas e pensa-se que seria autor e encenador das peças que apresentava no Teatro do Bairro Alto, em Lisboa. Entre 1733 e 1739, escreveu e fez representar as oito óperas buffa que lhe são atribuídas: *D. Quixote* (1733), *Esopaida ou Vida de Esopo* (1734), *Os Encantos de Medeia* (1735), *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena* e *O Labirinto de Creta* (1736), *Guerras do Alecrim e Manjerona* e *As Variedades de Proteu* (1737), *Precipício de Faetonte* (1738).

Influenciadas pelas comédias espanholas dos séculos XVII e XVIII que circulavam pela Europa, as óperas de António José da Silva eram cantadas em português e levadas à cena com bonifrates (marionetas). O êxito alcançado pelos espetáculos foi enorme.

A vida do Grande Dom Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança

António José da Silva inspirou-se na segunda parte do Dom Quixote de Cervantes para criar, de raiz, a sua primeira ópera para marionetas - *A vida do Grande Dom Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança* -, apresentada no Teatro do Bairro Alto em outubro de 1733. Uma ópera cantada em português e escrita em prosa, em vez de verso, o que imprime grande originalidade à obra.

António José da Silva criaria também cenografias ilusórias e mutações de cena, cuidadosamente descritas na sua obra, e realizáveis graças a mecanismos e adereços que permitiam movimentar as ondas do mar ou as nuvens do céu, e que são parte integrante das suas encenações.

A encenação feita pela companhia de São Lourenço a partir desta obra de António José da Silva é extraordinária. As peças (marionetas e maquinaria de cena) criadas para o espetáculo formam um conjunto de peças únicas, de grande teatralidade e impacto visual. Atualmente conservadas no museu, são um precioso testemunho do que foi a companhia de São Lourenço e do modo como, a partir de peças do século XVIII e de personagens da mitologia clássica, esta marcou, com uma linguagem plástica totalmente inovadora, a história da marioneta portuguesa do século XX.

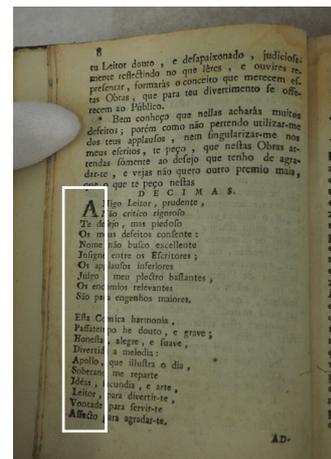
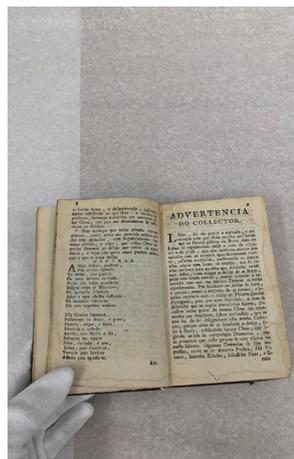
As marionetas da companhia recriam a psicologia e individualidade de cada uma das personagens, como descrevem Helena Vaz e José Aberto Gil, no catálogo do antigo Museu da Marioneta:

«A representação da musa Caliope inspira-se numa citação do poeta "... é a musa que pela sua enorme inspiração se encontra com a boca desta maneira aberta..."

As feições de Dulcineia existem apenas enquanto arquétipo de um rosto «Dulcineia é, na sua cor cinzenta, uma ausência.»

Theatro Comico Portuguez

Em 1744, após a morte de António José da Silva, o editor Francisco Luís Ameno publicou uma compilação de peças de teatro intitulada **Theatro Comico Portuguez**. A obra foi editada anonimamente, de modo a evitar a Inquisição. Terá sido Francisco da Silva Inocêncio, já no século XIX, que descobriu, no prefácio «Ao leitor desapaixonado», a assinatura em acróstico do verdadeiro autor da obra: ANTONIO JOSEPH DA SILVA. Pensa-se que terá sido uma homenagem do editor, que assim garantiu que se conhecesse a verdadeira autoria das obras; alguns investigadores, no entanto, consideram que a coletânea teria sido elaborada pelo próprio António José da Silva, que a assinou deste modo para iludir a Inquisição. A publicação, com grande sucesso, viria a ser reeditada várias vezes. No Centro de documentação do Museu da Marioneta temos a edição impressa em 1787, na oficina de Simão Thaddeo Ferreira. Fazia parte do espólio do marionetista Francisco Mota, comprado na íntegra pelo Museu em 2015.



LUIS MIGUEL CINTRA

apresenta *“Pequeno Teatro Ad Usum Delphini, Vanitas”*, inspirado no Dom Quixote de Cervantes. Entre os ensaios, partilha connosco algumas memórias



// Ana Rebelo Correia e Luis Miguel Cintra

A sua primeira encenação foi em 1969, com O Anfitrião, de Antonio José da Silva, no grupo de teatro da Faculdade de Letras

É um princípio muito mais vago. Não se pode dizer que seja a minha primeira encenação. Em miúdo, a minha avó Mercedes – mãe do meu pai – trouxe-me de Inglaterra umas marionetas e aquilo deslumbrou-me. Tive uma educação muito baseada no desenvolvimento da parte da fantasia e da imaginação e não há nada melhor do que as marionetas para a pessoa poder dar azo a todas as loucuras. E comecei a fazer para mim, para os miúdos do prédio, para os meus irmãos... Ficou sempre aquela ideia de continuar a ser miúdo toda a vida. Como tinha medo de ser muito tímido e era-o bastante na altura, tinha medo de querer ser actor. E, portanto, achava que podia fazer uma coisa que tivesse que ver com as marionetas. Entretanto há um episódio de uma ida a França para tentar estudar lá; voltei e os meus colegas de universidade dispuseram-se a ser actores num espectáculo que eu

quisesse encenar. Resolvi fazer uma coisa que tinha sido uma descoberta enorme para mim – uma peça escrita por António José da Silva. É um escritor de facto genial e cujas brincadeiras de linguagem e brincadeiras com as mitologias clássicas são muito engraçadas. Também nessa altura, outro grupo de amadores (o grupo de Campolide, que depois se tornou na Companhia de Teatro de Almada) estava a fazer *A Vida de Dom Quixote*. Eram, portanto, dois espectáculos – nós com *O Anfitrião* e eles com *A Vida de Dom Quixote*, com encenação de Joaquim Benite – sobre esse teatro, que tinha de facto a beleza de uma utilização extremamente artificial e imaginosa da linguagem da época e da própria linguagem teatral: brincava com o próprio teatro. Agora é muito difícil as pessoas perceberem como aquilo foi uma bomba no teatro da altura. Hoje em dia, o teatro universitário tem uma importância muito relativa; o teatro profissional tomou a dianteira; começou a organizar-se uma profissão de teatro, que não havia. Todas as inovações, as novidades, o que se passava de importante no teatro vinha do teatro universitário.

A Marioneta surge com esse gosto de miúdo, acaba por continuar através das peças de António José da Silva – afinal foi um dramaturgo que escrevia para marionetas –, e acabou por colaborar com a companhia de marionetas de São Lourenço. O que nos pode contar dessa experiência?

Interessavam-me os espectáculos de marionetas e tive uma das maiores emoções da minha vida quando vi os Bonecos de Santo Aleixo, aqui na Casa da Comédia. Tal como aconteceu com o teatro tradicional feito por pessoas – os Autos religiosos ou o tchiloli, por exemplo –, entusiasma-me imenso esse tipo de teatro, que era um teatro de certa maneira primitivo, sem vícios burgueses na própria representação da realidade. Foi uma descoberta gigantesca – teve em mim o mesmo efeito em relação ao teatro que em relação ao cinema o *Acto da Primavera*, de Manoel de Oliveira.

Sempre gostei muito desse género de teatro. E sei porquê. Estava à espera de que o teatro tivesse uma maneira de representar o mundo e as relações entre as pessoas que fosse nova, diferente, correspondente a uma mentalidade de tipo diferente. E isso significa um estilo diferente de teatro. Porque o teatro que herdámos, é mais comum ao gosto da nossa época, é um teatro que descende do teatro do século XIX – o teatro e o cinema. Isto quer dizer que a maneira de representar personagens é com uma noção de psicologia de imitação da vida que, no fundo, corresponde a uma visão burguesa muito convencional das relações humanas. E eu aspirava por coisas um bocadinho mais interessantes. Conheci as marionetas de São Lourenço e o Diabo sobretudo através do compositor [José Alberto Gil] que escrevia para esse grupo, que era o irmão da Margarida Gil, a mulher do João César Monteiro. Fizeram-me um convite para participar num espectáculo e eu aceitei.

Temos curiosidade com essa experiência com o teatro de marionetas. É o actor que costuma ter o destaque numa peça, mas aqui o grande destaque é a marioneta. É um pouco como se fosse a anulação do actor? Como foi para si a experiência?

Acho que basicamente devia ser a mesma profissão. Porque a identificação do actor com a personagem que representa não é necessária. Por exemplo, no teatro religioso, as pessoas não deixam de representar: como é que se faz uma pessoa identificar-se com Deus? Não se identifica. Sinaliza a ideia daquela personagem. Deus não é uma pessoa: é uma outra entidade muito mais abstracta. Mas não quer dizer que um actor não represente isso.

Uma pessoa que está a manipular uma figura num teatro de marionetas tem que sinalizar a personagem que o boneco representa e as acções que o boneco faz. Não se pode fazer por identificação. Não quer dizer que isso não seja um digníssimo trabalho de actor.

Justamente, uma das doenças do teatro neste momento: através dos seus ofícios, as pessoas (como o de actor), em vez de quererem contar uma história, querem exhibir a sua própria pessoa e servem-se das peças para fazer uma exibição pessoal. A humildade de um manipulador de marionetas é uma coisa que me provoca o maior respeito, porque é exactamente o contrário disso. Nos Bonecos de Santo Aleixo, por exemplo, a alma daquele espectáculo era o Mestre Talinhas – uma pessoa admirável, um grande artista. Quem é que sabia que era o Mestre Tainhas que estava ali por trás?

Neste momento está a encenar o Dom Quixote de Cervantes. Porquê esta escolha?

Eu tinha decidido que não fazia mais nada, porque estou com dificuldades de saúde, que tornam impossível representar, tenho dificuldades de memória, etc, e além disso com uma ferida muito grande em relação ao encerramento do Teatro da Cornucópia. Eu já tinha decidido não representar, mas não tinha decidido fechar a porta. Não me ia pôr a correr a outros sítios para fazer outras coisas, a não ser num contexto completamente diferente.

Foi assim que fizemos o D. João Português, em *tournee*, juntando pessoas que tinham trabalhado comigo na Cornucópia e que quiseram fazer um espectáculo produzido de uma maneira completamente diferente.

E fiz uma experiência aqui – no Museu da Marioneta: eram bocados de peças de Camilo Castelo Branco; fiz uma coisa desprezível, mas que não prescindia do contacto directo dos actores com o público. Porque choca-me muito que o público tenha passado a ser um consumidor de espectáculos, é um comprador de cultura.

Mesmo eu a representar, sempre pensei no público não como os actores costumam dizer: eles! O público não são eles; o público são outros “nós”; são outras pessoas com quem eu gostaria de criar convívio, bem-estar, conversa; cumplicidade é a palavra.

Portanto, fiz essa experiência. De repente, lembrei-me de Dom Quixote, porque no fundo eram duas pessoas – parti da hipótese de fazer só com dois actores e praticamente sem montagem nem nada. Depois começa-se a fazer um bocadinho mais, haver figuração e outras coisas, foi-se desenvolvendo a ideia... e o que resulta já é um bocadinho mais complicado...

TEATRO

PEQUENO TEATRO AD USUM DELPHINI, VANITAS

17 Junho a 8 de Julho

Pequeno Teatro *Ad Usum Delphini Vanitas* é o novo espectáculo de Luis Miguel Cintra, que estreia a 17 de Junho no Museu da Marioneta, Lisboa.

A partir de diálogos de *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, na tradução de José Bento, esta co-produção da Companhia Mascarenhas-Martins com o Museu da Marioneta/EGEAC conta no elenco com Duarte Guimarães, Ivo Alexandre, João Reixa, Sofia Marques, Vicente Moreira e os músicos Diogo Sousa e Hugo Osga.

Informações e reservas



NO MUSEU

MANHÃ CRIATIVA PARA FAMÍLIAS **A ILUSÃO DE DOM QUIXOTE** 27 de Junho, 10h30

As marionetas de manipulação à vista ganham vida de uma forma notável: um actor (manipulador), normalmente trajado de preto, 'veste' uma marioneta de corpo inteiro. Para lhe dar vida, é preciso uma simbiose perfeita entre ambos, marioneta e marionetista. Nesta oficina para famílias, vamos construir uma marioneta de manipulação à vista com as personagens da história de Dom Quixote.



FORMAÇÃO ADULTOS **MANIPULAÇÃO À VISTA** 19 de Junho, 10h-13h

A introdução, em Portugal, daquilo que podemos designar como teatro de marionetas contemporâneo foi feita pela companhia de São Lourenço que, no início dos anos 70, recuperou textos de Gil Vicente e António José da Silva para os encenar em ópera, com marionetas de manipulação à vista que ficavam coladas ao corpo do manipulador. Nesta formação para adultos, vamos explorar os fundamentos de criação de marionetas de manipulação à vista e os conceitos básicos para a sua manipulação.

Informações e reservas

Informações e reservas

VISITA TEMÁTICA **MARIONETAS PORTUGUESAS** 10 de Junho, 10h00

Uma visita em torno da coleção de marionetas portuguesas do Museu da Marioneta, que começa nos Bonecos de Santo Aleixo (uma das mais antigas tradições de marionetas portuguesas de que há registo) e na grande tradição do teatro itinerante de marionetas, para percorrer a história do teatro de marionetas em Portugal, sem esquecer as marionetas contemporâneas e de cinema de animação.

Informações e reservas

OFICINAS **FÉRIAS NO MUSEU** 20 a 24 Julho

Uma semana cheia de atividades criativas no Museu. Esteja atento ao nosso site



EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA **BIME 2021 - MARIONETAS PORTUGUESAS DA COLEÇÃO DO MUSEU DA MARIONETA** até 10 de junho

A organização do BIME - Bienal Internacional de Marionetas de Évora desafiou o Museu da Marioneta a ajudar a "tocar mais gente com o espírito da Bienal". Em colaboração com vários comerciantes, cerca de 40 marionetas da Coleção do Museu vão estar "em palco" nas montras de 10 lojas do centro histórico de Évora até ao dia 10 de junho. São marionetas de luva, de varão ou de fio, Robertos, marionetas de Ildeberto Gama, Helena Vaz, Emília Perestrelo, Lília da Fonseca, Manuel Rosado, Olga Neves, Isabel Andrea e Teatro de Mestre Gil: a marioneta portuguesa está em destaque no BIME 2021

Consulte aqui o programa



NO MUNDO DAS MARIONETAS



PRÉMIO MESCHKE 2021 - UNIMA

O oitavo “Prémio Internacional Michael Meschke par a Preservação e Renascimento das Artes da Marioneta”, foi entregue a HTWE OO Myanmar Puppet Theater, pela sua persistente luta a favor da preservação e conservação das Artes da Marioneta birmanesa, uma forma de arte antiga e popular e agora quase inexistente. No Museu da Marioneta, há exemplares destas marionetas.

PRÉMIO NACIONAL ARTES DO ESPETÁCULO MARIA JOÃO FONTAINHAS

O prémio Maria João Fontainhas é uma colaboração entre a companhia Chão de Oliva e a Câmara Municipal de Sintra. É um prémio que pretende galardoar um texto ou projeto de artes performativas, no âmbito do teatro, dança, marionetas, música ou transversal a estas áreas.

O vencedor da 5ª edição do prémio nacional 2020, foi Rui de Sousa, marionetista profissional que celebrou 20 anos de carreira no mundo das marionetas. O texto «Confiando (Confinado)» para teatro de marionetas foi escrito durante o primeiro confinamento e o espetáculo foi apresentado em Maio de 2021, pela companhia Fio d’Azeite do Chão de Oliva, na Casa de Teatro de Sintra.

FESTIVAIS

Festival EII Marionetas Encontro Internacional de Marionetas de Gondomar

A 7ª Edição do Festival EII Marionetas vai ter uma programação “em dose dupla” de 10 a 14 de Junho dedicada a um público mais escolar e famílias e de 1 a 4 de Julho com proposta para um público mais adulto.

[Programa](#)

FIMO Festival Internacional de Marionetas de Ovar

Poucas iniciativas dinamizam o espaço público como o FIMO, com os seus espetáculos. A decorrer de 11 a 13 de Junho

[Programa](#)

Nottingham Puppet Festival

De 24 a 27 de Junho

[Programa](#)

34th International Theatrical Festival Valise - Polónia

Entre 10 a 13 de Junho

[Programa](#)

Festival MATĚŘINKA República Checa

Entre 15 e 19 Junho

[Programa](#)

FORMAÇÕES

Pós -Graduação em Marionetas e Formas Animadas 2021-2022

Estão abertas as candidaturas para o curso de pós-graduação em Marionetas e Formas Animadas, a decorrer na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Este curso visa o conhecimento teórico-prático no domínio das marionetas e formas animadas, com vista a desenvolver competências de intervenção em contextos educativos formais, não formais e informais e conceber, implementar e avaliar projetos neste campo específico.

[Mais informações](#)

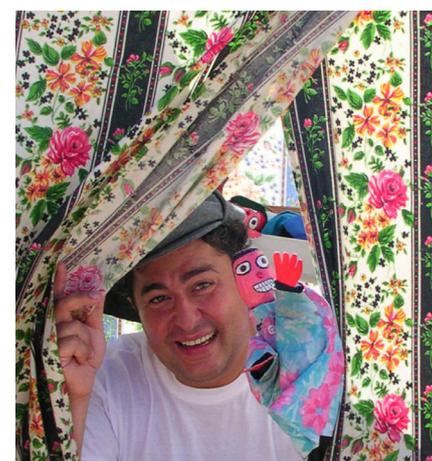
Diploma em Muñecoterapia

Curso internacional de Terapia através da marioneta. (Em espanhol)

Decorre entre 24 de Julho e 20 de Novembro, num total de 13 sessões online realizadas via Zoom.

Patrocinado pela Comissão de Educação, Desenvolvimento e Terapia da UNIMA Internacional.

[Mais informações](#)



Iniciação ao teatro tradicional português - Teatro Dom Roberto. S.A. Marionetas

Oficina de marionetas a decorrer 1 e 2 de Julho na Biblioteca Municipal de Gondomar Camilo de Oliveira.

[Mais informações](#)